

2

AS MULHERES NEGRAS: OS DESAFIOS DA PANDEMIA E OS DILEMAS DE SOBREVIVÊNCIA NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS

*Adevanir Aparecida Pinheiro*¹

Ana Luzia dos Santos Rosa

Sueli Angelita da Silva

INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca dos debates voltados para a temática das mulheres negras, em meios institucionais e na academia, fazendo recortes de interseccionalidade reverberados em torno de gênero e toda complexidade das mulheres em sociedade, especialmente as mulheres negras. Tem ainda como objetivo, nos fazer perceber que são múltiplos e diversos os elementos que envolvem a vida das mulheres em seu cotidiano para conseguir chegar aos espaços e lugares de fala. Nossas breves reflexões são apresentadas intermediadas por estudos de diversas autoras e pensadoras do Feminismo Negro, bem como de apontamentos colhidos a partir de vivências de mulheres negras. As reflexões contribuem para avançarmos dentro das seguintes interrogações: O fato de mulheres atuarem em áreas de poder, lhes garante o seu lugar de fala? Elas efetivamente podem falar?

São interrogações que ajudam a aguçar as percepções voltadas para as práticas desenvolvidas e que circundam as mulheres e o modo como

¹ Ver biografias das autoras no final do texto, depois das referências bibliográficas.

são efetivamente tratadas. Por um lado, o processo de educação das relações étnico raciais tem sido profícuo no sentido de apontar dilemas raciais profundos vividos por diversas mulheres que atuam em linha de frente nas lutas por igualdade, reconhecimento e desenvolvimento. Por outro lado, a força da opressão imposta nos ambientes institucionais ou escolares e no meio das práticas sociais em geral, ainda, demonstra que as dificuldades e medos são reais.

O “*silêncio não vai nos libertar*”, nos lembra, neste sentido, Audre Lorde (2019). Lorde chama atenção para a “real realidade”, no entanto, muitas vezes se impõe e mesmo quando se chegam a espaços de posição de poder na maioria das vezes as mulheres negras se veem solitárias por não se sentirem pertencentes. O sentimento de não pertença vai forjando diversas maneiras veladas nas relações interpessoais e opressoras, que as mulheres negras acabam sendo levadas ao retraimento e isolamento, ocasionando o silenciamento. São realidades complexas devido às vivências com os diversos tipos de racismos e posturas autoritárias encontrados, e que ao mesmo tempo provocam silenciamentos ou, mesmo, a não permanência nos locais, provocando a exclusão fria e velada. Neste sentido, fala-sena importância da resistência e o fortalecimento das representações e articulações no ambiente institucional ou espaços institucionais.

Um processo fundamental é a descolonização das mentes e a elucidação das ideias e representações sociais de mulheres negras (COLLINS, 1990) e da população negra, em geral. Torna-se fundamental a busca de estudos e pesquisas que apontem para novos conhecimentos científicos, teóricos e práticos, ampliando os horizontes sobre as práticas antirracistas, sexistas e homofóbicas que são geradoras de opressão e apagamento das memórias e das lutas. Historicamente isto

está desenhado na situação de invisibilidade e vulnerabilidade das mulheres negras, situação essa que sempre foi objeto de questionamentos e indignações vigorosos. Consideremos, por exemplo, a existência de figuras como Maria W. Stewart que, em 1831, fez a seguinte indagação: *“Até quando as nobres filhas da África serão forçadas a deixar que seu talento e seu pensamento sejam soterrados por montanhas de panelas e chaleiras de ferro?”* (COLLINS, 2019, p. 29). Este apelo indignado permanece, quase dois séculos depois, reverberando de dentro do racismo ambiental e estrutural e toda ordem de discriminações e exclusões nas instituições e na estrutura social desigual que vivemos, refletindo um modo peculiar como as mulheres negras são assujeitadas a viverem.

1 MULHERES NEGRAS EM MOVIMENTO: NOVOS HORIZONTES DE ENCORAJAMENTO E NOVOS DESAFIOS

Mulheres negras em movimento é o título que escolhemos para elucidar alguns pontos referentes à vivência das lutas e dos enfrentamentos que se revelam nos espaços de fala, no sentido de provocar encorajamento e mostrar novos desafios. Queremos trazer à tona as lutas e a dedicação das intelectuais negras no fomento do Feminismo Negro, como uma das expressões que se juntou ao Movimento Negro e às demais organizações. Pensar na ampliação de temas transversais e suporte para os avanços como a temática da “educação das relações étnico-raciais”, a temática de gênero, entre outros, são elementos colocados como caminhos críticos de ruptura das lógicas estruturais perversas, reprodutoras do racismo e fragmentações desumanizantes que hoje ainda são impostas, sobremaneira na vida das mulheres negras.

O período de pandemia fez com que muitos coletivos de mulheres negras tivessem a oportunidade de usar a metodologia de “Sankofa”, para revisitar as experiências de aquilombar-se no sentido de fortalecer-se com novos conhecimentos e aconchegos, mesmo que fosse online, e voltar para o centro dos enfrentamentos que foram, de certa forma, quebrados, invisibilizados ou reduzidos ao enfrentamento solitário, pela força dos problemas pandêmicos. Um dos grandes desafios para as organizações e atuações das mulheres negras e seus avanços foram as novas mudanças tecnológicas e suas adaptações. Mas isto não é de hoje, exclusivo dos tempos de pandemia... Pensadoras negras e intelectuais como Nilma Lino Gomes (2019), Maria Aparecida Bento (2003) e Sueli Carneiro (2003), alegam que diariamente as mulheres negras enfrentam as duras dificuldades para permanecer nas estruturas tecnológicas e, sobretudo, atuarem nos ambientes da pesquisas, dos estudos e das produções acadêmicas. A mulher negra resiste e continua resistindo em muitas frentes de rupturas por entender que esta é a única alternativa para abrir caminhos de combate a todos os tipos de opressão vivida frente ao machismo, patriarcalismo, sexismo e aos diversos fobismos que subsistem e se afirmam na sociedade. Esses elementos conceituais são de Bell Hooks (2019), a qual sinaliza que “as mulheres negras, particularmente aquelas que escolheram ser sujeitas radicais, podem se mover em direção à transformação social que irá abarcar a diversidades de nossas experiências e necessidades” (HOOKS, 2019, p. 127).

As ideias da autora convergem com os processos desafiadores postos para aquelas mulheres negras que têm assumido como sua a perspectiva de uma postura definida como de militantes, ou seja, ativistas, em suas trajetórias pessoais. Desse modo, as identidades

dessas mulheres negras, muitas vezes são colocadas como preteridas e inferiorizadas, por estar sempre em escala de menosprezo e, mesmo, desprezo, quando não de incômodo perturbador dentro dos espaços que se diz educacional e, sobretudo, na sociedade predominantemente branca e meritocrática.

As mulheres negras por diversas vezes são silenciadas e colocadas no lugar de meras espectadoras sem poder assumir efetivamente o seu lugar de fala. Isto nos leva a retomar a seguinte questão: Então, afinal as mulheres negras que passam a assumir o papel de protagonista em algum posto de mando ou direção, podem efetivamente exercer a sua plena liberdade de falar? Em que espaços elas estão presentes para falar? Ou seriam simplesmente, silenciosamente, toleradas? Essas são indagações das quais não se pode fugir ou que não devem ser camufladas. O Feminismo Negro possui uma atuação fundamental na luta em prol dos grupos minoritários, considerando que são elas, as mulheres negras, que apontaram e continuam a apontar novos horizontes de encorajamento nas lutas sociais e raciais. Sabe-se que a maioria delas carrega sobre si o peso da situação de vulnerabilidade e pobreza, além de assumir as suas vidas pessoais, em uma subjetividade muitas vezes sofrida.

É evidente que as discussões com enfoque nas relações de gênero têm apresentado as diversas formas de enfrentamentos postos para todas as mulheres, devido às desvalorizações do contexto e à negação do lugar das mulheres, seja na política, na educação, ou no meio acadêmico em geral. No entanto, este lugar das mulheres, assume um desafio e necessidade especial no meio das representações que contemplem o Feminismo Negro e seus aprofundamentos teóricos metodológicos. Berth (2019) aponta para o empoderamento das mulheres negras nos

diversos lugares, onde é notável a ausência de representatividade negra e uma maior perspectiva de interseccionalidade. Nesta perspectiva, a autora salienta que, “esta é a síntese do poder a ser desenvolvida no processo de empoderamento ressignificado pelas diversas teorias do Feminismo Negro e interseccional” (BERTH, 2019, p. 21).

A autora nos conduz para pensarmos nesta construção argumentativa que pode apresentar respostas e novos elementos para o fortalecimento das mulheres que se dedicam a novas produções científicas. Os novos conhecimentos têm assegurado o fortalecimento das lutas e estratégias de avanços realizados por diversas intelectuais e pensadoras negras. O empoderamento tem apresentado, ainda, o desbravamento e tentativas de abertura de caminhos nas academias por meio de debates e espaços voltados na consolidação de inclusão de atividades e sujeitos negros e negras, sobretudo, evocando o debate sobre os valores do feminismo e as relações de gênero.

As mulheres negras têm buscado incessantemente ocupar espaços de atuações e criação de projetos incluindo as ações afirmativas, no sentido de ampliar as participações acadêmicas de estudantes negros e negras no mundo das pesquisas e produções. As políticas afirmativas têm sido um canal em que a população negra tem se debruçado nas respostas aos meios tecnológicos de pesquisa e produções de conhecimento em geral. Porém, como já foi referido acima, o advento da pandemia tem provocado diversos danos de exclusão desta população em quase todos os sentidos, sobretudo, danos quanto ao desconhecimento das tecnologias inovadoras de informática, que passaram a ser o auge de desafio para toda a sociedade, exigindo aprendizado intensivo para amplo acesso em curto espaço de tempo.

Os negros, para além da situação de discriminação racial, foram, sobretudo, ainda mais afetados pela pandemia em diversos setores, decorrente de sua posição desfavorável dentro da estrutura de desigualdades sociais e econômicas. Este fato provocou um retrocesso em relação ao acesso a determinados serviços, incluindo os tecnológicos, extremamente necessários para a nova realidade mundial. A tecnologia ao longo dos anos se tornou uma importante ferramenta para a difusão e perpetuação das ideias do Feminismo Negro, sendo ampliadas as possibilidades de acesso aos estudos e ensinamentos das intelectuais negras. Todavia, entende-se que enfrentar o cotidiano de opressão e desinformação não tem sido tarefa fácil para o feminismo em geral, e pesando ainda mais para o feminismo negro que sempre esteve às margens da sociedade machista e sexista. Seguindo as ideias de Berth (2019), pensar no empoderamento das mulheres negras, é também pensar em caminhos de reconstrução de bases em todas as áreas de atuação, seja na política, na educação, ou demais áreas de conhecimentos.

As áreas de conhecimento abrangem ainda, as áreas sociais e acadêmicas com vista ao combate as práticas racistas e o racismo ambiental e estrutural, reproduzido, sobretudo, nas instituições. Em diversas presenças nos debates e produções de Sueli Carneiro, quando se volta para a vida e as experiências das mulheres negras na sociedade brasileira é reverberada para nós a conclamação desta pensadora militante, reafirmada em uma entrevista: “há muitas mulheres lutando por aí; apenas necessitamos de unir as forças”.

Pode-se também trazer presente neste debate os enfrentamentos das mulheres negras, junto às próprias mulheres brancas que, ainda hoje, reproduzem inconscientemente o estereótipo escravista

considerando as negras como as domésticas ou seu objeto serviçal de cozinha. Embora se tenha diversos estudos científicos e teóricos que comprovam os avanços e desalienação das mulheres negras na sociedade brasileira, de outro modo, parecem que ainda não se pode dizer o mesmo sobre as práticas e concepções estereotipadas em muitas mulheres brancas.

Nos estudos voltados para o Feminismo Negro, diversas autoras como Bell Hooks (2019; 2020), Nilma Lino Gomes (2017), Patricia Hill Collins (1990; 2019), Carla Akotirene (2019) entre outras, alertam para a opressão velada vivida pelas mulheres negras em relação às práticas ainda muito presentes de autoritarismo da maioria das mulheres brancas. De acordo com Akotirene, “a inteseccionalidade baseada no Feminismo Negro conta os porquês de mulheres brancas poderem representar judicialmente as mulheres de cor” (AKOTIRENE, 2019, p. 64). A partir dessa reflexão da autora, pode-se também voltar para a “real realidade” do cotidiano. Seja no meio escolar ou acadêmico ou, mesmo, nos meios políticos, as mulheres negras continuam parecendo viver sob os mandos e as orientações de mulheres brancas, até mesmo por estas últimas terem alcançado antes o acesso à educação formal e à academia. São em muito maior número formadas, graduadas, mestras e doutoradas, nas diversas áreas de conhecimentos. Seguindo esta linha de pensamento e elaboração surgem, também, importantes interrogações que permeiam a presente “escrevivência” nossa, para fazermos uma lembrança viva e homenagem à perspectiva consagrada por Conceição Evaristo (2016).

O desenvolvimento desta reflexão e as experiências vividas por muitas companheiras mulheres advindas do Feminismo Negro e outras pensadoras brasileiras, nos fazem retomar sempre de novo a pergunta

sobre como os tempos de pandemia impactaram e impactam sobre elas, em seu cotidiano. Certamente são múltiplas as situações não reveladas, não visibilizadas, não estudadas, silenciadas, esquecidas, em suma, ainda invisíveis. Repetimos a pergunta: Como viveram as mulheres negras em tempos de pandemia no seu ambiente, na partilha dos lugares de fala, nas produções acadêmicas e demais espaços sociais e raciais, considerando, sobretudo, o impacto das novas plataformas tecnológicas?

2 AS VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES NEGRAS: OPRESSÕES, ALIENAÇÕES E DESALIAÇÕES

Com este segundo subtítulo queremos ampliar nosso recorte sobre o cotidiano das mulheres negras, no meio institucional acadêmico e outros espaços de poder, suas vivências e experiências. Temos presente em nossa reflexão, diversas pensadoras norteamericanas e brasileiras, já mencionadas anteriormente, que nos apresentam um vasto campo de aprendizados para todas as mulheres nos tempos atuais. Além das já mencionadas anteriormente, acrescentamos Toni Morrison (2007), Petronilha Beatriz Gonçalves da Silva (2021) e Maria Aparecida Bento (2003) entre outras. As suas histórias de vida e suas trajetórias de mulheres negras que nos fizeram embrenhar por diversos mundos das intelectualidades, e nos impregnaram com seus exemplos e testemunhos muito explícitos de desbravamento protagonista e feminista, fazendo entoar os cantos de ancestralidades e firmando rumos e aberturas de espaços de produções acadêmicas e práticas pedagógicas e novas epistemes orientadoras de muitos passos. As mulheres negras e suas vivências ao longo do tempo podem perceber o quanto essas mulheres vêm enfrentando os preconceitos e

discriminações dentro do racismo e machismo estruturais que amplia e reforça nossas desigualdades sociais e raciais. As mulheres negras que são a base da pirâmide social encontram na educação a forma de sua libertação, conquistando o conhecimento e trabalhando o seu empoderamento, como caminhos de sua resistência. Autora como Hooks (2020) diz,

[...] minhas práticas pedagógicas nasceram da interseção entre as pedagogias anticolonialista, crítica e feminista cada uma das quais ilumina as outras. Essa mistura complexa e única de múltiplas perspectivas tem sido um ponto de vista envolvente e poderoso a partir do qual trabalho (HOOKS, 2020, p. 20).

A visão desta autora, quando nos traz as suas experiências, faz reverberar em nós o entendimento muito caro em nosso meio nos mostrando que o caminho da educação é prática da liberdade. É através do conhecimento que as mulheres, e de modo especial, as negras tendem a entender que o espaço de poder pode ser ocupado também por elas. O conhecimento liberta quando se entende que a cultura do colonizador é subjugar e desqualificar qualquer outro conhecimento que não seja o dele. Quando entramos no espaço acadêmico percebemos que aquele espaço foi construído para o que consideramos de uma determinada imagem normativa. Trata-se de um lugar feito por brancos e para brancos, onde a imagem do negro ou da negra não parece condizer com aquele ambiente. Trata-se de um ambiente hostil. Para a população negra é extremamente difícil entrar e ainda, sobretudo, conseguir permanecer em um lugar hostil. A palavra resistência neste caso é a única alternativa que nos resta.

O processo de inclusão da população negra na universidade tem sido feito de forma traumática. A pessoa negra que entra para academia não sai do mesmo jeito que entrou. Alguns até podem dizer que saem mais “esclarecidos”, tendo adquirido mais conhecimento. Isto de fato acontece, e as conseqüências da convivência indesejada, tanto de parte de colegas, como de parte do corpo docente, que vêem muitas vezes, este acadêmico negro/a, como um sujeito incapaz, não lhe dando a mesma consideração dada ao acadêmico “branco”, são práticas perversas de discriminação. Segunda Bell Hooks (2020), era com demasiada freqüência que à vontade de incluir os considerados “marginais”,

[...] não correspondia a disposição de atribuir a seus trabalhos o mesmo respeito e consideração dados aos trabalhos de outras pessoas. Nos Estudos das Mulheres, por exemplo, as professoras travam as mulheres de cor somente no finalzinho do semestre ou juntam numa única parte do curso o que se refere a raça e às diferenças (HOOKS, 2020, p. 55).

Podemos perceber quando a autora relata a forma de tratamento sofrida em uma universidade estadunidense de que aqui no Brasil isto não é diferente. As acadêmicas negras são tratadas com este mesmo tratamento discriminador e seus trabalhos não são considerados de qualidade, mesmo que este esteja apresentado dentro dos padrões acadêmicos. Com isso, a dedicação por parte de estudantes acadêmicas/os é sempre uma preocupação que gera tensões e receios, pois é preciso provar que sua capacidade intelectual é igual da colega branca e isso acarreta um desgaste físico e mental. São dificuldades encontradas por estudantes nos ambientes acadêmicos e que são causadores de evasões e perda de estímulos para seguir em frente.

A política de Ações Afirmativas se faz necessária, mas também necessita de diversas observações práticas e pedagógicas diferenciadoras em termos de sexo e gênero, ainda não consideradas por profissionais responsáveis. Essas observações não estão focadas apenas no acesso, mas voltam a sua atenção para o processo de permanência e as vivências nas relações internas. Existem dilemas que impactam com maior peso para as mulheres negras do que para os homens negros. Uma realidade ainda muito complexa e questionadora para aquelas mulheres negras que buscaram ser autênticas dentro das atividades e organizações negras, em todos os sentidos. O padrão social e racial na hierarquia de gênero tem mostrado uma escala que carece de um estudo mais aprofundado sobremaneira nas academias.

É oportuno lembrarmos aqui algo que é bastante repetido. Trata-se da “hierarquização”, colocando em primeira escala de poder o homem branco, na segunda posição na escala, a mulher branca, sendo que o homem negro está posto em terceiro lugar e no último escalão piramidal está a mulher negra. Mesmo que esta mulher negra tenha os seus méritos, a partir de suas lutas, e conquistas em conhecimentos, mesmo nessa situação ela corre o risco permanente de ser empurrada cada vez mais para fora dos espaços de inclusão e dos lugares de falas, que seriam dela. A luta da mulher negra é constante em todos os espaços, mas quando este é um espaço de poder, a luta é muito maior, pois deve dar conta de três camadas de hierarquia que se julgam acima dela. A academia é um desses lugares. Nos espaços públicos e políticos de representações, ou espaços privados das grandes empresas, é muito difícil ver uma empresária negra, ou uma vereadora, ou deputada estadual e federal, ou senadora, prefeita, governadora e presidenta. Hoje nos Estados Unidos se conta com uma vice presidenta negra, a

Kamala Harrismas, mas esta é uma situação ainda excepcional. Essa excepcionalidade obviamente é muito mais flagrante e evidente dentro da realidade brasileira na qual o percentual da população negra alcança 54%.

O caso “Marielle Franco” é um caso muito significativo, em se tratando de presença feminina negra, incomodando nos espaços políticos. A morte de Marielle Franco colocou em pauta questões relativas à criminalidade no Estado do Rio de Janeiro, discriminação racial, desigualdade social e de gênero, bem como sexualidade, considerando que ao longo de seu mandato parlamentar se destacou por ser responsável por um número incontável de projetos. Destaquemos somente, por exemplo, o Projeto de Lei Assédio. Não é algo passageiro. Com ele se objetivava a erradicação do assédio denunciado por inúmeras mulheres dentro dos transportes públicos. Outro exemplo é o Projeto de Lei n. 0265/2017, cujo objetivo central é a criação de casas de parto em regiões de menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (BATISTA, 2018). Marielle ganhou grande visibilidade pela luta em causas feministas - mais precisamente no Feminismo Negro - inclusive como Presidente da Comissão da Mulher na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro (BATISTA, 2018). No dia de sua morte, Marielle participava do encontro *Roda de conversa: Mulheres Negras Movendo Estruturas*, o qual formava um dos movimentos em que a parlamentar buscava incentivar e unir jovens negras para lutarem por um futuro promissor. O assassinato da vereadora causou comoção social e rendeu homenagens e manifestações pelas ruas de todo o Brasil e pelas redes sociais, com a popularização da chamada ou do mote: “*Marielle, presente!*” (SARAIWA, 2018), e depois: “*Quem mandou matar Marielle Franco?*” Repercutindo ainda anos depois de seu assassinato.

Isso comprova que o Feminismo Negro está quebrando barreiras e atuando nas ruas e dentro do Estado de forma a construir novas políticas e novas perspectivas democráticas, além de possibilitar uma maior compreensão histórica. Neste sentido que nosso trabalho de reflexão buscou trazer para a visibilidade a importância do empoderamento feminino negro, pois fortalecer umas às outras, buscarem ler intelectuais, evidenciar e valorizar seus trabalhos, é o que precisamos para que cada vez aumente o número de mulheres negras que ocupem os lugares de poder, nas trincheiras de resistências para permanecer e fazer frente aos desafios. Tais verbos precisam ser conjugados por todas as mulheres negras, principalmente aquelas que estão em lugares de destaque que se tornam exemplos para as demais.

No entanto, é necessário que estejamos atentas a um aspecto bastante recorrente vivido por mulheres negras no contexto das Universidades. Olhar para aquelas mulheres que parecem ter conquistado um espaço, ou trincheira importante de construção e resistência meio acadêmico, mas que por outro lado, são as mais preteridas e são fragilizadas sem conseguir resistir e permanecer. É preciso entender o processo daquelas que desistem ou adiam a conclusão de seus cursos superiores e pós-graduações para retornar mais tarde, porque conviver em um lugar de opróbrio e hostil emocionalmente é muito desgastante. Para a permanência neste espaço faz-se necessária uma capacidade de adaptação, que algumas mulheres negras têm e outras não têm. São necessários processos de fortalecimento mútuo, de fortalecimento de nossas companheiras para que possam permanecer na academia. Fazem-se necessários processos de “aquilombar-se” uma das frases evocada por Nilma Lino Gomes. e dessa forma construir uma rede de proteção e espaço de escuta que

possa contribuir e auxiliar a nós mulheres negras, a passar pelas situações de enfrentamento e de desconforto, que continuam sendo frequentes em muitos casos. Sabe-se que isto é vivido também às vezes com muita intensidade por profissionais negras de muita vivência no meio acadêmico, mas que ao encontrar-se sós na luta antirracista e anti-machista, acabam não encontrando a desejada rede de proteção, ou aconchego no poder e com isso, buscam “aquilombar-se”. Frase reverberada por Gomes em suas palestras.

Neste contexto, é que se contempla a coletividade que faz com que as experiências vividas possam ser compartilhadas com todas que firma sua perspectiva de acolhimento e reconhecimento de lugar e de fala. Porém, não podemos esquecer a forma como o colonizador age construindo muros relacionais com um único objetivo de que não haja uma união de ideias que possam de alguma forma mexer com privilégio da supremacia hetero normativa branca que quer se perpetuar no poder.

Outro aspecto importante que devemos evidenciar é o que diz respeito aos processos de alienação das pessoas negras, aquelas que mesmo tendo o fenótipo considerado negro não se reconhecem enquanto tal, sendo assim, não se dá conta dos preconceitos que sofrem e de que são vítimas. Essas pessoas acabam ficando ao lado do opressor e contra os sujeitos de sua própria etnia ou cultura negra que têm a sua identidade reconhecida. São essas pessoas negras que acabam ajudando a reproduzir e aprofundar o racismo institucional.

Em um texto coletivo produzido sob a coordenação de José Ivo Follmann e do qual participaram Adevanir Aparecida Pinheiro, Damaris Bertuzzi, Jean Fábio Santana, Maira Damasceno, Marco Antonio

Jacobsen, Renilda Costa e Simone Conceição Rodrigues, o grupo destacou que:

[...] o Brasil alienou-se desta sua própria origem mediante um trágico processo de branqueamento e de enquadramento euro-referente de sua memória. Este foi o modelo colonial. O processo colonial vivido não tinha outro horizonte possível em sua cosmovisão. O Brasil teve assim o seu processo histórico enquadrado desde o início dentro do modelo colonial europeu e português (FOLLMANN; OUTROS/AS, 2017, p. 40).

Entendemos que este processo de alienação, evidentemente, foi construído pelo modelo colonizador, se perpetuando até os dias de hoje. Enfrentar a realidade de não ser igual ao que o senso comum espera e permanentemente apresenta, é considerar como sendo correto estar na contra-corrente, não se entender como igual a este padrão. Ou seja, arcar com a consequência de ser o outro que não se sujeita ao padrão dominante. Ter a ousadia de ser âncora de despertamento de outros sujeitos negros para o processo de desalienação.

Trabalhar um processo de desalienação da identidade não é algo fácil. Trata-se de um processo complexo e que depende muito do nível de consciência do sujeito que vive no meio de um processo de identidade alienada. Neste sentido, o processo de desalienação perpassa pelo reconhecimento de si mesmo, dos seus iguais, e de sua própria identidade cultural e, sobretudo a sua história. As mulheres feministas, sobretudo, as feministas negras travam árduas lutas no sentido de desconstruir as consequências perversas dos processos de assujeitamento, através de suas pesquisas e produções científicas, bem como de seus próprios testemunhos pessoais de resiliência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração desta reflexão aconteceu em um momento em que a pandemia ainda estava em observação, necessitando de algumas atenções, e, neste sentido o ensaio faz diferentes referências a esta realidade que muito nos impactou os trabalhos produzidos pelas mulheres e sobretudo, as mulheres intelectuais negras que vivem à margem dos espaços das academias. Os problemas causados pela pandemia e os dilemas frente às dificuldades decorrentes, têm levado diversos grupos de mulheres negras organizadas a buscarem “aquilombar-se”, parafraseando a autora Nilma Lino Gomes. Isto tem propiciado amplo aprendizado no sentido de se fortalecer coletivamente e pensar caminhos estratégicos de vencerem os obstáculos impostos pelas estruturas tecnológicas e suas vulnerabilidades.

Os impactos sofridos pela população no âmbito mundial têm sido trágicos e comoventes que têm aumentado as dificuldades e vulnerabilidades de muitos sujeitos, situação que se acumula no que se relaciona às populações vulneráveis e pode-se avaliar que de modo especial recaem nas mulheres negras que muitas vezes são as principais responsáveis pelas suas famílias. Os índices e as estatísticas apontam para o agravamento das dificuldades que se acentuou com mais ênfase nas populações de classes baixa. Isso evoca as forças de criatividade e vivências para sobrevivência, influenciando outras mulheres a enfrentar espaços muitas vezes desconfortáveis, mas que se fazem necessários para desenvolver estratégias de fortalecimento de processos coletivos mais amplos, a exemplo de intelectuais que já

vieram de longe semeando os novos saberes civilizatórios da cultura das ancestralidades.

A percepção é a de possibilitar meios de formação e organização de pensadoras e incentivá-las, visando mudar para melhor. Quanto mais plural atenta à diversidade, mais se contribuirá para o enriquecimento cultural do espaço acadêmico, criando uma universidade que pode ser um verdadeiro espaço de inclusão. As autoras que são referidas neste ensaio têm debatido sobre a importância do empoderamento e o processo de lutas das mulheres em todos os espaços. Afirmam ainda, que é dever das instituições a preocupação com a questão racial além de repensar os investimentos em políticas internas, visando promover as mediações nos direitos e acolhimentos necessários para as revisões e relevâncias no combate à discriminação de gênero e demais aspectos causadores das desigualdades e geradores de conflitos.

O artigo atenta para a visibilidade da luta das mulheres negras que enfrentam o racismo ambiental nas instituições de ensino superior, o racismo velado e estrutural, nos espaços institucionais de poder e conhecimento. É através deste processo de resistência que diversas mulheres negras têm enfrentado os debates e apontando a importância do caminho das pedras, ou seja, a socialização e o repasse dos diversos aprendizados para as mulheres negras que vêm depois delas, se fortalecendo, coletivizando, aquilombando e resistindo. As mulheres negras são resistências, além de serem as protagonistas nas organizações sociais e raciais com vistas à conquista de espaços nos meios onde atuam, para que neles se proporcione o acolhimento e a inclusão de suas culturas e identidades.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Pólen, 2019.
- ANUNCIADA, Patrícia. Feminismo interseccional: um conceito em construção. 300 vozes negras. [S.l.], 29 set. 2015. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/09/29/feminismo-interseccional-um-conceito-em-construcao/>>. Acesso em: 18 mar., 2022.
- BATISTA, Pollyana. Quem era Marielle Franco. Estudo Prático, [S.l.], 2018. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/quem-era-marielle-franco/>>. Acesso em: 18 mar., 2022.
- CARONE, Iray; SILVA, Bento, Maria Aparecida (Orgs.). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 25-58.
- BERTH, Joice. Empoderamento. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen. 2019. 184p. (Feminismos Plurais/Coordenação de Djamila Ribeiro).
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. 06 mar., 2003. Disponível em:<<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>> Acesso em: 19 de mar., 2022.
- COLLINS, Patrícia H. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- EVARISTO, Conceição. Escrevivências: identidade, gênero e violência. Bauru: Editora Idea, 2016.
- FOLLMANN José I. (Coord.). Processos de identidade, relações étnico-raciais e relações religiosas. São Leopoldo: Casa Leiria, 2017.
- GOMES, Nilma L. Sem perder a raiz: corpo cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- HOOKS, Bell; CIPOLLA, Marcelo B. Ensinando a Transgredir: a educação como pratica da liberdade. Rio de Janeiro: Martins Fontes Ltda, 2020.

- HOOKS, Bell. Olhares negros, raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. 356p.
- LORDE, Audre. Irmã outsider. Tradução Stephanie Borges. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019.
- MORRISON, Toni. Afro-americanos. Vintage, 2007. Disponível em: <http://nuvemlaranja.com.br/biografias-de-mulheres-escritoras-no-audiovisual/>. Acesso em: 21 mar., 2022.
- OLIVEIRA, Laila T. B. de. Narrativas em rede: o feminismo negro nas redes sociais. Anais do I Seminário de Sociologia da UFS. Sergipe, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Documents/Downloads/6080-Texto%20do%20artigo-17303-1-10-20170130%20(1).pdf> Acesso em: 17 mar., 2022.
- RIBEIRO, Djamilá. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SARAIVA, Jacqueline. Saiba quem era Marielle Franco, vereadora assassinada a tiros no Rio. em.com.br, Belo Horizonte, 15 mar. 2018. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/03/15/interna_politica,944288/saiba-quem-era-marielle-franco-vereadora-assassinada-a-tiros-no-rio.shtml>. Acesso em: 17 mar., 2022.
- SILVA, Petronilha B. G. da. Entre o Brasil e África: construindo conhecimento e militância. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021. 119p.